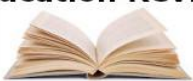


Education Review

Reseñas Educativas



Resenhas Educativas

7 outubro 2026

ISSN 1094-5296

Gallagher, C. W., Girdharry, K., & Smith, K. G. (2026).
Getting learning right: A new social compact for higher education. The MIT Press.

252 pp.

ISBN 9780262054201

Resenhado por Edison Carrasco-Jiménez
Chile

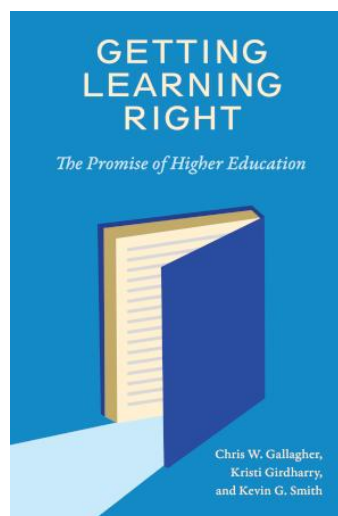
E se a Universidade Voltasse a Aprender?

Nas últimas décadas, o ensino superior estadunidense tem enfrentado uma crescente crise de legitimidade pública. A diminuição da confiança social, os questionamentos políticos ao papel das universidades, as restrições orçamentárias, a queda nas matrículas, a irrupção da inteligência artificial e a crise de saúde mental estudantil configuraram um cenário de profunda incerteza institucional. Nesse contexto surge *Getting Learning Right: A New Social Compact for Higher Education*, de

Gallagher, Girdharry e Smith, uma obra que propõe uma tese clara e provocadora: a resposta das instituições de ensino superior não deve ser a retirada defensiva, mas sim uma transformação criativa voltada a recuperar sua promessa fundamental: produzir aprendizagem superior (*higher learning*).

O livro se apresenta como um “manual de ação” (*prod and playbook*, p. 4) destinado a administradores, acadêmicos e funcionários universitários interessados em repensar suas próprias instituições. Mais do que oferecer uma teoria abstrata sobre o ensino superior, os autores buscam proporcionar um marco prático para que as instituições se transformem em organizações “baseadas na aprendizagem” (*learning-grounded*), ou seja, instituições em que as decisões acadêmicas, administrativas e estratégicas sejam orientadas por uma compreensão profunda da aprendizagem e das experiências reais de estudantes, professores e funcionários.

A pergunta que articula toda a obra pode ser sintetizada em uma preocupação fundamental: como podem as universidades recuperar a aprendizagem como centro de sua missão institucional? Os autores formulam uma série de perguntas que orientam o livro: “Como definimos a aprendizagem superior? Como podemos usar essa compreensão para contar nossa história e convencer estudantes, famílias e outros atores de que aquilo



Carrasco-Jiménez, E. (2026, outubro 7). Resenha do livro *Getting learning right: A new social compact for higher education*, by C. W. Gallagher, K. Girdharry & K. G. Smith. *Resenhas Educativas*, 33. <https://doi.org/10.14507/er.v33.5022>

que oferecemos merece seu apoio e investimento? Como podemos fazer com que a aprendizagem seja correta?” (p. 4).

A tese central do livro é que “fazer com que a aprendizagem seja correta” (*getting learning right*) constitui o principal desafio e responsabilidade do ensino superior nos próximos anos. Como assinalam os autores: “Getting learning right is our key challenge and primary responsibility in the tumultuous years ahead” (Situar a aprendizagem no centro, da maneira correta, constitui nosso principal desafio e nossa responsabilidade fundamental nos anos turbulentos que se avizinham) (p. 3). Em consequência, sustentam que as universidades devem abandonar modelos centrados principalmente no ensino como transmissão de conteúdos e reorganizar-se em torno das condições que permitem uma aprendizagem profunda, significativa e transformadora.

Diagnóstico do Problema: do Ensino à Aprendizagem

O ponto de partida de Gallagher, Girdhar e Smith é um diagnóstico crítico sobre a estrutura tradicional das instituições de ensino superior. Embora as universidades costumem declarar que sua missão principal é a aprendizagem, os autores sustentam que seu funcionamento cotidiano continua organizado em torno do ensino, das prerrogativas do corpo docente e de estruturas administrativas fragmentadas. Em suas palavras, “at present, most IHEs are designed around teaching and the prerogatives of faculty, not learning and the experiences of students” (atualmente, a maioria das instituições de ensino superior se organiza em função do ensino e das prerrogativas do corpo docente, antes que da aprendizagem e das experiências estudantis) (p. 4). Essa contradição explica, segundo os autores, boa parte da crise contemporânea de legitimidade: as instituições falam do valor da aprendizagem, mas nem sempre estão desenhadas para produzi-la de maneira efetiva.

Nessa perspectiva, o problema não consiste simplesmente em aprimorar metodologias docentes isoladas, mas em transformar a lógica institucional completa. As declarações de missão universitária raramente orientam as decisões cotidianas; as diferentes unidades operam com frequência como compartimentos separados e as inovações educacionais são incorporadas sem uma reflexão suficiente sobre seus fundamentos pedagógicos. Um exemplo particularmente relevante é a inteligência artificial. Os autores advertem que a adoção tecnológica pode se tornar uma distração se a “inovação” se transformar no objetivo principal e a aprendizagem ficar subordinada a ela. Como assinalam, “making ‘innovation’ the noun and ‘learning’ the adjective risks [...] putting the stress on the shiny new things and losing sight of learning itself” (fazer da “inovação” o eixo do discurso e relegar a “aprendizagem” a um papel secundário corre o risco de concentrar a atenção nas novidades chamativas e perder de vista a aprendizagem em si mesma) (p. 7).

O conceito organizador da proposta é precisamente “*learning-grounded*”, em diálogo com a literatura sobre o learning paradigm e as instituições centradas na aprendizagem (Barr & Tagg, 1995; Tagg, 2003). Uma instituição

baseada na aprendizagem não é simplesmente aquela que oferece bons cursos ou incorpora novas tecnologias, mas aquela em que todas as suas práticas são informadas por uma compreensão sistemática de como as pessoas aprendem. Isso implica considerar a experiência do estudante como uma fonte fundamental de conhecimento institucional. Daí que uma das afirmações metodológicas centrais do livro seja: “We cannot get learning right if we don't listen to what our learners have to say” (É impossível situar corretamente a aprendizagem no centro da educação se não escutarmos o que nossos estudantes têm a dizer) (p. 35).

Esse destaque à voz estudantil constitui uma das principais contribuições do livro. Os autores não tratam os estudantes como receptores passivos de políticas desenhadas por especialistas, mas como participantes capazes de interpretar seus próprios processos de aprendizagem. Para isso, recorrem principalmente a um estudo longitudinal realizado na Northeastern University, com estudantes acompanhados ao longo de suas trajetórias universitárias. As experiências narradas por esses estudantes permitem mostrar como conceitos como aprendizagem experiencial, transferência e integração do conhecimento operam na vida acadêmica real.

A partir dessa evidência, o livro desenvolve uma concepção ampla da aprendizagem experiencial (*experiential learning*). Os autores recuperam a tradição de John Dewey para sustentar que a experiência não constitui uma atividade complementar ou periférica — como uma prática profissional ou um estágio —, mas uma disposição geral em relação à aprendizagem. Nessa perspectiva, aprender implica reconstruir continuamente a experiência por meio de reflexão, conexão e aplicação em novos contextos.

A Proposta do Livro: Reconstruir a Universidade a Partir da Aprendizagem

A partir desse marco geral, os autores desenvolvem uma série de conceitos que buscam traduzir a ideia de uma instituição *learning-grounded* em práticas concretas. O primeiro deles é a aprendizagem experiencial (*experiential learning*), entendida não como um método específico, mas como uma orientação que atravessa toda a experiência universitária. Seguindo Dewey (1938) e Kolb (1984), a aprendizagem surge da interação entre experiência e reflexão, permitindo que os estudantes conectem conhecimentos adquiridos em diferentes espaços e momentos (Dewey, 1938; Kolb, 1984).

Essa ideia conduz a dois conceitos centrais do livro: a transferência e a integração da aprendizagem (*transfer of learning e integration of learning*). A transferência refere-se à capacidade de utilizar conhecimentos adquiridos previamente em novos contextos, enquanto a integração implica um processo mais profundo: construir novas compreensões por meio da síntese de experiências diversas ao longo do tempo. Para os autores, uma educação superior verdadeiramente transformadora não consiste apenas em acumular conhecimentos, mas em ajudar os estudantes a estabelecer conexões significativas entre aquilo que aprendem em diferentes cursos, projetos,

comunidades e experiências profissionais. Essa concepção da aprendizagem como processo de construção, conexão e integração de conhecimentos coincide com debates recentes sobre o rigor acadêmico no ensino superior, que questionam sua identificação com a mera dificuldade, a quantidade de trabalho ou a seletividade, e propõem compreendê-lo como uma prática pedagógica orientada para a aprendizagem significativa (Carrasco-Jiménez, 2026a).

Essa concepção também modifica a forma de entender as trajetórias universitárias. No capítulo dedicado aos caminhos flexíveis de aprendizagem (*Flexible Learning Pathways*), os autores questionam os modelos rígidos de formação que pressupõem que todos os estudantes devem avançar mediante uma sequência idêntica e linear. A aprendizagem, sustentam, não segue necessariamente uma trajetória uniforme; por isso, as instituições deveriam permitir exploração, mudança de orientação e construção progressiva de uma identidade intelectual e profissional.

Outra contribuição importante é a noção de learning sponsors. Retomando a ideia de Deborah Brandt sobre os “patrocinadores de alfabetização”, os autores transpõem esse conceito para o âmbito universitário a fim de descrever aquelas pessoas ou instituições que facilitam, orientam e também condicionam as oportunidades de aprendizagem. Mentores, professores, empregadores e comunidades profissionais não atuam unicamente como apoios neutros: suas relações também envolvem estruturas de poder, acesso e reconhecimento. Essa perspectiva permite compreender que aprender não é apenas um processo individual, mas uma prática social desenvolvida dentro de comunidades.

Nessa mesma linha surge o conceito de students as partners. A proposta não se limita a ouvir a opinião estudantil por meio de pesquisas de satisfação, mas propõe incorporar os estudantes como participantes ativos no desenho de suas experiências educacionais. Os autores descrevem diferentes níveis de participação — desde informantes até colaboradores e criadores — com o objetivo de superar a visão do estudante como consumidor de um serviço educacional.

A estrutura do livro reflete essa progressão argumentativa. Após uma introdução dedicada à urgência de recuperar a aprendizagem como missão institucional, os capítulos examinam sucessivamente a escuta dos estudantes, o desenho de ambientes de aprendizagem, a aprendizagem colaborativa e baseada em projetos, as redes de apoio e oportunidade, as trajetórias flexíveis e, finalmente, a cocriação com os estudantes. Cada capítulo conclui com perguntas práticas destinadas a que as instituições analisem criticamente suas próprias práticas.

Pontos Fortes, Limites e Relevância Contemporânea

Um dos principais pontos fortes de *Getting Learning Right* reside em sua capacidade de articular teoria e prática sem reduzir a transformação universitária a uma coleção de inovações metodológicas. Os autores não apresentam a aprendizagem como um problema exclusivamente situado na

sala de aula, mas como um princípio organizador de toda a instituição. Nesse sentido, o conceito de learning-grounded oferece uma ferramenta analítica útil para avaliar se as decisões curriculares, administrativas e estratégicas estão realmente alinhadas com a missão educativa declarada.

Outro aspecto destacável é a utilização da voz estudantil como evidência. O estudo longitudinal desenvolvido na Northeastern University constitui provavelmente a contribuição empírica mais sólida do livro. Diante de abordagens institucionais que costumam medir o sucesso estudantil por meio de indicadores como retenção, graduação ou inserção no mercado de trabalho, os autores mostram que compreender a aprendizagem requer atender também às narrativas dos próprios estudantes: como interpretam suas experiências, como constroem conexões entre elas e como desenvolvem uma identidade como aprendizes.

Essa abordagem permite uma crítica relevante a certas formas contemporâneas de gestão universitária. O livro questiona uma tendência disseminada de tratar os estudantes como consumidores e as universidades como provedoras de serviços educacionais. Diante dessa lógica, os autores propõem recuperar uma concepção mais ampla do valor universitário, vinculada ao desenvolvimento intelectual, à participação democrática e à capacidade de aprender ao longo de toda a vida.

Neste ponto, a obra dialoga diretamente com os debates sobre capitalismo acadêmico e a transformação neoliberal do ensino superior (Cantwell & Kauppinen, 2014; Slaughter & Rhoades, 2009), incluindo seus efeitos no contexto chileno do ensino superior (Carrasco-Jiménez, 2026b). Os autores criticam a crescente influência de modelos empresariais que privilegiam métricas de eficiência, competitividade e retorno econômico imediato, deslocando questões fundamentais sobre o propósito público da universidade. Sua proposta de um “novo pacto social” sustenta que as instituições devem demonstrar seu impacto social em troca de um maior compromisso público com seu financiamento e autonomia.

No entanto, essa mesma proposta constitui também uma das principais tensões do livro. Embora os autores identifiquem corretamente as pressões econômicas e políticas que o ensino superior enfrenta, a viabilidade desse novo pacto social permanece em aberto. O fortalecimento do financiamento público depende de condições políticas que muitas vezes escapam ao controle das próprias instituições universitárias, especialmente em contextos em que o ensino superior está submetido a disputas ideológicas crescentes.

Da mesma forma, embora o livro reconheça a complexidade da mudança institucional, poderia aprofundar mais as resistências estruturais que dificultam a transformação universitária. A cultura departamental, os sistemas de promoção acadêmica, a separação entre docência e pesquisa e as limitações orçamentárias constituem obstáculos profundos para implementar modelos centrados na aprendizagem. Os numerosos exemplos institucionais apresentados são inspiradores, mas permanece em aberto a questão de como

essas propostas podem ser aplicadas em universidades públicas massivas ou em instituições com recursos significativamente menores.

Uma segunda questão problemática relaciona-se com a tensão entre flexibilidade e garantia acadêmica. A defesa de trajetórias de aprendizagem menos rígidas mostra-se convincente como resposta à diversidade de experiências estudantis; no entanto, ela apresenta desafios quanto à acreditação, à equivalência de diplomas e à definição de padrões comuns de qualidade. O livro abre uma discussão necessária, embora não desenvolva completamente os mecanismos institucionais que permitiriam resolver essas tensões.

Apesar dessas limitações, a relevância da obra é considerável. *Getting Learning Right* insere-se no chamado “giro em direção à aprendizagem” (*learning turn*) dentro dos estudos sobre ensino superior, mas traz uma contribuição particular ao conectar essa perspectiva com a experiência concreta dos estudantes e com uma proposta de transformação institucional. Sua crítica não se dirige contra a universidade como instituição, mas contra aquelas estruturas que perderam de vista sua finalidade educativa.

Em um momento marcado pela inteligência artificial, pela perda de confiança pública e pela pressão para demonstrar resultados imediatos, o livro oferece uma advertência particularmente pertinente: a inovação tecnológica ou administrativa não faz sentido se não estiver subordinada a uma compreensão profunda da aprendizagem. A pergunta central que a obra deixa não é simplesmente como as universidades devem mudar, mas sim que tipo de aprendizagem e que tipo de cidadãos desejam formar.

Em conclusão, Gallagher, Girdhar e Smith oferecem uma obra ambiciosa que combina diagnóstico crítico, evidência empírica e orientação prática. Embora sua proposta enfrente importantes desafios de implementação, sua principal contribuição consiste em lembrar que a legitimidade futura do ensino superior dependerá de sua capacidade de voltar a situar a aprendizagem no centro de sua existência. *Getting Learning Right* não oferece soluções simples para uma crise complexa, mas oferece sim uma bússola conceitual para repensar a universidade como uma instituição dedicada não apenas a transmitir conhecimento, mas a transformar a maneira como as pessoas compreendem, interpretam e participam do mundo.

Referências

- Barr, R. B., & Tagg, J. (1995). From teaching to learning—A new paradigm for undergraduate education. *Change: The Magazine of Higher Learning*, 27(6), 12–26. <https://doi.org/10.1080/00091383.1995.10544672>
- Cantwell, B., & Kauppinen, I. (2014). *Academic capitalism in the age of globalization*. Johns Hopkins University Press.
- Carrasco-Jiménez, E. (2026a). ¿Qué es el rigor en la enseñanza superior? Un estudio preliminar mediante revisión sistemática. *Revista Pedagogía Universitaria y Didáctica del Derecho*, 13(1), 425–452. <https://doi.org/10.5354/0719-5885.2026.81741>

- Carrasco-Jiménez, E. (2026b). The erosion of legal education under neoliberalism: Rigour, authority and professional formation in Chile. *The Law Teacher*, 1–26. <https://doi.org/10.1080/03069400.2026.2684405>
- Dewey, J. (1938). *Experience and education (Issue 10)*. Macmillan.
- Kolb, D. A. (1984). *Experiential learning: Experience as the source of learning and development*. Prentice-Hall.
- Slaughter, S., & Rhoades, G. (2009). *Academic capitalism and the new economy*. Johns Hopkins University Press.
- Tagg, J. (2003). *The learning paradigm college*. Anker Publishing Company.

Sobre a Resenhista

Edison Carrasco-Jiménez é pesquisador independente radicado no Chile. É doutor em Direito Penal e possui mestrado em Criminologia e Delinquência Juvenil. Suas linhas de pesquisa incluem o ensino superior, a educação jurídica, a teoria do direito penal e as transformações institucionais que afetam as universidades. Suas publicações recentes abordam o neoliberalismo e o trabalho acadêmico, a mercantilização do ensino superior, a educação jurídica e questões mais amplas relacionadas à mudança institucional e à produção de conhecimento. Publicou artigos em revistas acadêmicas internacionais e participa de debates acadêmicos situados na interseção entre direito, educação e teoria social.



Sobre os Autores

Chris W. Gallagher é professor de Inglês e vice-reitor de iniciativas curriculares na Northeastern University. Entre seus livros recentes está *College Made Whole* (2019). Além de artigos publicados em periódicos como *Phi Delta Kappan*, *Composition Studies*, *JAC* e *Writing on the Edge*, ele é autor de *Radical Departures: Composition and Progressive Pedagogy* (2002, NCTE).



Kristi Girdharry é Professora Associada de Ensino de Inglês e Diretora do Centro de Escrita do Babson College, onde co-lidera o *The Generator*, o laboratório interdisciplinar de IA da instituição. Professora premiada (Northeastern University, 2014; Babson College, 2022), Girdharry ministra cursos sobre escrita, tutoria, mídias sociais e IA generativa, incluindo a disciplina "Writing with Robots: Authenticity, Ethics, and AI" (Escrevendo com Robôs: Autenticidade, Ética e IA). Suas

pesquisas abordam a IA e a pedagogia da escrita, a transferência de habilidades de escrita e a teoria dos centros de escrita. Seus textos voltados ao público geral sobre IA e ensino foram publicados em veículos como *The Conversation*, *Chronicle of Higher Education*, *Inside Higher Ed* e no programa *Marketplace* da NPR.

Kevin G. Smith é Professor Associado de Inglês na Universidade da Virgínia, onde codirige o Centro de Escrita da Universidade. Ele publicou textos em periódicos como *College Composition and Communication*, *Digital Humanities Quarterly* e *Reflections*. Obteve seu doutorado em Inglês (Retórica e Composição) pela Northeastern University em 2018.



Education Review / Reseñas Educativas / Resenhas Educativas é editado por Gene V Glass e Yanming Ren (English), Gustavo E. Fischman (Spanish/Portuguese), e Stephanie McBride-Schreiner (Managing Editor). Este artigo pode ser copiado, exibido, distribuído e adaptado, desde que o(s) autor(es) e *Education Review/Reseñas Educativas/Resenhas Educativas* sejam creditados e a autoria original atribuídos, as alterações sejam identificadas e a mesma licença CC se aplique à obra derivada. Mais detalhes sobre a licença Creative Commons podem ser encontrados em <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>. *Education Review/Reseñas Educativas/Resenhas Educativas* é publicado pela Mary Lou Fulton College for Teaching and Learning Innovation, Arizona State University. O conteúdo de 1998-2020 da *Education Review/Reseñas Educativas/Resenhas Educativas* foi publicado sob uma licença CC diferente: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0>

